

doc
CA1
EA912
H51
POR
1983
Marco

hoje
Canadá 

Ano II — Número 5 — Março de 1983

LIBRARY E A / BIBLIOTHÈQUE A E


3 5036 01029754 0



EDITORIAL

Em maio de 1944 foi assinado um acordo entre o Brasil e o Canadá que visava a promover as relações culturais entre os dois países, estimulando o intercâmbio oficial de publicações, cientistas, técnicos e de informações em geral. Neste acordo também ficou implícito o desejo de se promover eventos na área cultural — concertos, exposições de arte, programas de rádio, filmes etc. — que objetivassem um melhor entendimento de nossos povos, suas culturas, tradições e instituições sociais.

Pode parecer estranho que um acordo de tal nível de prioridade, também, ao fato cultural em meio a um conflito mundial, mas tenho como opinião que nossos líderes naquela época tiveram uma visão para além da crise momentânea, moldando uma comunidade internacional do pós-guerra baseada na mútua compreensão. E nada melhor para sua realização do que a divulgação dos meios culturais.

Este acordo foi um dos primeiros que o Canadá assinou e, com certeza, o primeiro firmado com uma nação latino-americana. Mas por que o Brasil? Não se tem conhecimento da causa, mas sabe-se que existiu um contato considerável entre ambas as comunidades artísticas durante os anos de guerra. Quando se assinou o acordo, Jacques Tonnancour, famoso artista canadense, estava vivendo e pintando no Rio de Janeiro. Seu atual estilo reflete, claramente, suas experiências vividas no Brasil e seus contatos com os artistas brasileiros.

As relações entre músicos também eram muito fortes naquele tempo. O compositor canadense Claude Champagne esteve no Brasil e tornou-se amigo íntimo de Francisco Mignone. A peça "Três Prelúdios", datada de 1943, é provavelmente o resultado deste encontro. Além disso, Villa-Lobos compôs cinco concertos para orquestra dos quais o primeiro, escrito em 1945, teve em sua *première* a pianista canadense Ellen Ballon. Neste mesmo período uma grande exposição de arte contemporânea teve lugar no MAM do Rio de Janeiro.

Assim, as bases para um estreito relacionamento

cultural já haviam sido lançadas há aproximadamente 40 anos e, desde então, estamos mantendo uma atividade de cooperação mútua bem diversificada. Jornalistas brasileiros têm visitado o Canadá regularmente, os filmes do National Film Board alcançaram grandes audiências no Brasil e, agora, existe uma grande conscientização da importância do cinema brasileiro. Neste momento estamos em processo de um acordo de cooperação entre a Embrafilme e o National Film Board para se fundar um Centro de Produção Cinematográfica no Rio de Janeiro.

Informações percorrem nossos países nos campos científicos, técnicos e nas mais diversas áreas do conhecimento humano, crescendo rapidamente na medida em que nossas universidades estão em busca de um relacionamento mais íntimo nos campos técnicos e humanos. As atividades de nossas Câmaras de Comércio têm ajudado a construir este relacionamento através de uma cuidadosa atenção aos assuntos culturais.

Emboira muito se tenha feito, o processo em si ainda não está completo. Reconhecemos que no passado nossas atividades nestas áreas foram modestas, entretanto ficou claramente reconhecida pelos líderes de nossos países a necessidade de um maior esforço nestes campos. A visita do Primeiro-Ministro Pierre Trudeau ao Brasil, em 1981, e a posterior visita do Presidente João Baptista Figueiredo ao Canadá, em 1982, serviram para um maior entrosamento, além de os órgãos encarregados deste e de outros campos de ambos os países buscarem, agora, novos caminhos para se construir um relacionamento duradouro. Existe o desejo de se continuar este processo e a curiosidade de ambos os lados para se atingir este objetivo na medida em que é reconhecido que uma exposição quantitativa e qualitativa de nossas culturas enriquecerá as sociedades de ambos os países.

R. S. Maclean

Embaixador do Canadá no Brasil

Canadense no espaço

Os Estados Unidos esperam colocar um canadense no espaço num futuro bem próximo. De acordo com o chefe da NASA, o primeiro canadense será, provavelmente, um cientista ou um engenheiro. Isso pode acontecer num dos vôos do ônibus espacial planejados para 1984. O primeiro canadense a ir ao espaço será escolhido pelo

Federal Interdepartamental Committee, conforme explicou Michael Stephens, um assistente do Ministro de Ciências e Tecnologia, John Roberts. A decisão envolverá, certamente, o *Departamento Nacional de Pesquisas*, que desenvolveu o braço mecânico que os astronautas vêm usando na Columbia.

SUMÁRIO

Editorial	2
Canadense no espaço	2
Os homens que escalaram o Muz Tagh Ata	3
Parry Sound — 30.000 ilhas à sua disposição	4
O desenvolvimento da indústria energética no Canadá	7
Quem são os Esquimózes?	8
O sistema de Governo no Canadá	12
A expansão da indústria de computação no Canadá	13
A música popular canadense	14
Conheça o Canadá através da CNEC	15

Canadá Hoje é uma publicação trimestral das missões diplomáticas canadenses no Brasil. **Embaixada do Canadá** (Brasília): Av. das Nações — lote 16, setor de Embaixadas Sul, tel: 223-7515. **Consulado-Geral** (Rio de Janeiro): Av. Presidente Wilson, 165/6.º, tel. 240-9912. **Consulado-Geral** (São Paulo): Av. Paulista, 854/5.º, tel. 287-2122. **Coordenação Editorial**: Celio de Almeida, (Assessor de Comunicação/Rio)

Redação: Juarez Passos — **Layout**: Jobar — **Fotos**: NFB — **Fotótipo**: Reprocolor — **Impressão**: Grafshopping — **Tiragem**: 5.000 exemplares. Os artigos assinados não representam, necessariamente a opinião do governo canadense. As matérias podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.



Visão do Monte Muz Tagh Ata.

Os homens que escalaram o Muz Tagh Ata

Foi a primeira expedição canadense que entrou na China para escalar a subida sul da montanha *Muz Tagh Ata*, de 7.456 m, do lado chinês do Monte Everest. O líder do grupo, John Amatt, obteve permissão da Associação Chinesa de Alpinismo para visitar esta remota parte do país. Lloyd Gallagher, outro membro do grupo, é famoso por sua carreira como guia da "Canadian Mountain Holidays" e foi um dos chefes da expedição "Canadian Pumori" no Nepal em 1977. O médico do grupo, Dr. Stephen Bezruchka, tem em seu curriculum a prática médica num centro de saúde na região montanhosa do Nepal. Pat Morrow foi o fotógrafo da expedição. O grupo era composto de 15 alpinistas cheios de experiências nas montanhas suíças, canadenses e mexicanas.

A mais alta montanha do mundo já foi escalada anteriormente, mas nunca antes alguém havia conseguido escalar a *Muz Tagh Ata* pelo pilar sul, o lado escarpado e gelado da montanha. O desafio destes canadenses foi concluído em 16 de setembro do ano passado, após 5 anos de planejamento e treinamento.



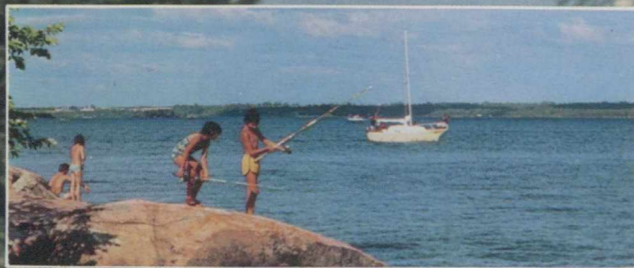
John Amatt fazendo água.



Parry Sound

30.000 ilhas a sua disposição

Na Baía Georgian, a 220 km ao norte de Toronto, está a maior concentração mundial de ilhas. São 30.000 ilhas, centenas delas com mais de 100 km de extensão, abrigando calmas baías e canais como uma série de pequenos lagos que se juntam para formar a baía maior, *Georgian Bay*. Rochas de várias cores, do cinza e marrom ao rosa, cobertas com os verdes dos pinheiros matizando as claras águas azuis, proporcionam um paraíso de inenarrável beleza.



A cidade de Parry Sound é a principal da área. Suas origens datam de 1800, quando a agricultura era um modo de sobreviver e a madeira uma preciosidade. Quando a indústria madeireira desapareceu, o turismo local emergiu e a cidade rapidamente transformou-se numa atmosfera de cordialidade, tornando-se conhecida como o coração do paraíso das férias.

A cidade e seus arredores oferecem as mais diversas atrações para agradar o

visitante. E nelas estão incluídos a pompa e as cores das bandas de saiotos escoceses, o talento dos artistas locais e os trabalhos manuais expostos ao ar livre, os mercados de pulgas e a seleção de produtos naturais feitos em casa.

Uma excursão de navio pelas 30.000 ilhas, partindo das docas centrais, é o ponto culminante, uma obrigação, para o turista em Parry Sound. A bordo do navio, com capacidade para 600 passageiros, o cruzeiro leva 3 horas para percorrer os estreitos e rasos canais. A

tripulação é o guia, descrevendo cada ponto de interesse. No inverno, o *corling* — um esporte inglês — toma conta do local, assim como diversos esportes típicos de inverno.

E o outono traz a canoagem e os barcos a vela num desfile de cores que combina com as diversas folhagens das árvores da floresta. O outono prepara a paisagem para a chegada do verão. Em Parry Sound é assim: cada estação tem sua particularidade e suas atrações.



HOTÉIS

- 1 — ANCHOR MOTOR INN
36 Gibson St
Tel.: 746-4252
- 2 — ROYAL HOTEL
27 Seguin St
Tel.: 746-2861
- 3 — TOWN & COUNTRY MOTEL
7 Joseph St
Tel.: 746-8671
- 4 — JUNCTION MOTEL
50 Joseph St
Tel.: 746-9613
- 5 — KITCHENER MOTOR INN
24 Gibson St
Tel.: 746-2171

RESTAURANTES

- 1 — IRENE'S DONUTS
46 Seguin St
- 2 — THREE STAR
47 James St
- 3 — TRAPPERS CHOISE
70 Joseph St

ATRAÇÕES

- 1 — CRUZEIRO DAS ILHAS
- 2 — TOWER HILL
- 3 — FESTIVAL OF THE SOUND
- 4 — CENOTAPH PARK
- 5 — BAY STREET WHARF
- 6 — CROSS COUNTRY SKI TRAIL
- 7 — PARRY ISLAND SWING BRIDGE

PARRY SOUND TOURIST INFORMATION

2 Louisa St
Parry Sound, ONT. P2A 2V4

O desenvolvimento da indústria energética no Canadá



Torres de transmissão nas Cataratas Churchill — Torres de transmissão nas Cataratas Churchill em Labrador. Uma das mais importantes usinas geradoras de energia hidrelétrica. Estas torres estão ancoradas em uma queda turbulenta de 1.828 m que corta os geradores da usina. A construção da torre é um dos exemplos obtidos pela engenharia energética que levou o país a uma excelente reputação mundial neste campo.

O Canadá é um país com dimensões continentais e requer energia em muitas formas para mover pessoas e produtos em sua imensa área. É, também, um país frio em muitas regiões, por vários meses do ano. Assim, é necessário um grande volume de energia para permitir que os canadenses vivam confortavelmente.

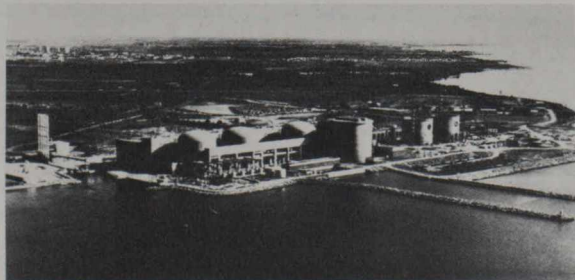
Sendo uma nação industrial, o Canadá tem usado de modo eficiente sua energia para manter em equilíbrio o desenvolvimento econômico e industrial. Além disso, diante das características do país — imensa área territorial e complexos problemas geográficos e climáticos —, foram desenvolvidos projetos na área de energia e força para suprir estas dificuldades. O sucesso desses projetos atravessou fronteiras. Hoje várias nações, inclusive grandes potências desenvolvidas, buscam no Canadá conhecimentos na área de métodos de desenvolvimento de

Equipamento de teste de eficiência — O equipamento de teste de alta voltagem, usado para o desenvolvimento de transmissão de força e linhas, ajudou o Canadá a estabelecer maior eficiência no uso da força. Este conhecimento beneficiou na prática a produção de energia em muitos países do mundo.

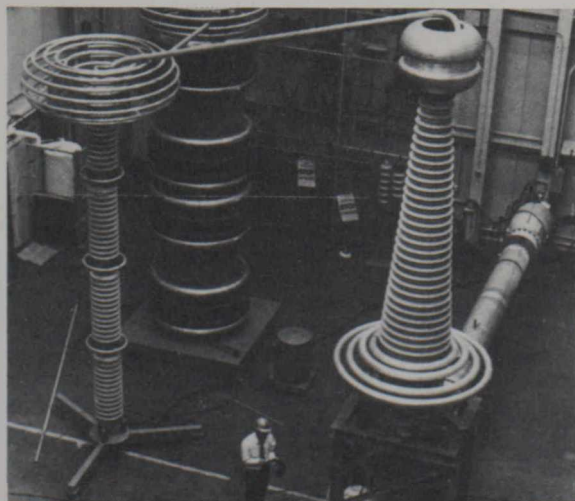
meios energéticos. Este pioneirismo na área de projetos energéticos é fruto do desafio enfrentado por técnicos e especialistas no sentido de vencer as dificuldades naturais do território canadense. Este desafio é, portanto, responsável pelo desenvolvimento de alternativas energéticas que fazem do Canadá, hoje, um país auto-suficiente em energia.

O presidente de uma das principais empresas envolvidas na produção de energia no país — R. D. Armstrong of Rio Algom Ltd. — disse recentemente que, embora esteja aumentando a escassez de energia no mundo, o Canadá não é “apenas auto-suficiente na maioria das diversas formas de energia hoje conhecidas, como também é, atualmente, um exportador de eletricidade, urânio, gás natural e carvão mineral”.

A performance da indústria canadense na produção de energia elétrica, termal e atômica, com sua rede de transmissão de alta voltagem, coloca o país entre os maiores produtores mundiais de energia. Esta posição se caracteriza de maior importância, na medida em que o mundo atravessa uma séria crise de energia. Assim, além do consumo interno de energia, o país se dá ao luxo, apesar da crise, de exportar para outras nações que dela necessitam.



Uma das maiores usinas em Pickering, Ontário — A usina nuclear de Pickering está localizada no Lago Ontário, a este de Toronto. A foto é dominada pelo edifício central e quatro reatores. A usina começou a produzir energia em 1971 e dois anos mais tarde já estava operando em toda a sua potência.



As pessoas têm idéias estranhas dos esquimós. Da descoberta dos esquimós pelos brancos até hoje, muito se tem escrito sobre eles. E esta literatura, muitas das vezes fantasiosa, é que criou esta confusão em torno deste povo que habita a parte mais gelada do Canadá.

Embora haja uma população de aproximadamente 100.000 esquimós, menos de 20.000 vivem no Canadá; eles estão espalhados, também, pelo Alasca e Groenlândia. Pesquisas arqueológicas e descrições recentes mostram que este povo ocupou uma enorme área no mundo. Eles viveram em ambos os lados da Cortina de Ferro e formam parte de quatro nações: União Soviética, Estados Unidos, Canadá e Dinamarca.

A maioria dos esquimós se

Quem são os Esquimós?

autodenomina *inuit*, o que quer dizer simplesmente *homem*. A palavra *esquimó*, que designa os membros da raça, parece vir do idioma dos índios Alonquin e foi usada pela primeira vez em 1611 pelos franceses. Uma raça pode ser definida por seu idioma, tipo físico ou pela forma como pensa e vive; a isso os antropólogos chamam de material

e cultura intelectual. É muito raro que estas três características coincidam. Entre os esquimós, entretanto, existe esta coincidência. Eles têm seu próprio idioma, falam por si mesmos e por ninguém mais, possuem um tipo físico distinto e têm uma cultura própria.



O idioma esquimó não está relacionado a qualquer outro idioma indígena norte-americano e parece, de fato, não estar relacionado a qualquer outro grupo de línguas. A gramática é muito complicada e o significado das palavras pode ser modificado acrescentando-se sufixos. Por exemplo: *tuktu* significa *caribu*; *tuktujuak*, grande *caribu*; *tuktujuakseok*, caça ao grande *caribu*; *tuktujuakseokniak*, caçar um grande *caribu*; *tuktujuakseokniakpunga*, eu caçarei um grande *caribu*. Desta maneira, uma palavra imensa em esquimó toma o lugar de uma frase inteira. O fato mais particular da língua dos esquimós é a sua uniformidade — um esquimó da Groenlândia pode fazer-se entender, embora com certa dificuldade, pelos habitantes do Estreito de Bering, a milhares de quilômetros de distância.



Da Groenlândia até o Norton Sound, no Alaska, existem poucas diferenças na língua. Ao sul de Norton Sound e na Sibéria, entretanto, existe uma situação diferente. Muitos dialetos são falados e um esquimó desta área não pode ser entendido pelos que vivem ao norte de Norton Sound. *Aleut*, a língua falada pelos *Aleuts* das Ilhas Aleutas, é reconhecido hoje em dia como sendo uma língua esquimó, mas é tão distinto que uma vez já foi considerado como uma língua completamente separada. Assim, o idioma esquimó é dividido em três áreas, chamadas *Inupik* (ao norte de Norton Sound), *Yupik* (no Alaska, ao sul de Norton Sound, e na Sibéria) e *Aleut*. Alguns estudiosos acreditam que, estudando-se as diferenças entre duas línguas semelhantes, é possível determinar-se com precisão a época em que elas se separaram. Deste modo é possível determinar-se que o *Inupik* e o *Yupik* se separaram há mais ou menos 200 anos e o *Aleut* há aproximadamente 400 anos. Estas datas coincidem muito bem com as evidências arqueológicas encontradas.

Tipo físico

Eles se distinguem no tipo físico. Como o povo mongolóide, têm cabelos muito lisos e pretos, olhos marrom-escuros, a pele marrom-amarelada e são surpreendentemente leves, em contraste com suas feições pesadas, cuja pele é queimada pelo sol sobre a neve e o gelo. Os esquimós têm braços e pernas mais curtos do que os índios e podem ser tão altos quanto muitas pessoas do oeste europeu. São musculosos e proporcionais, mas, cobertos com suas roupas e por possuírem pernas curtas, parecem mais baixos do que o são na realidade.

A cultura esquimó

Muitas mudanças ocorreram no Norte do Canadá nos anos atuais e essas mudanças afetaram muitos aspectos da vida dos esquimós.

Antes dessas mudanças, os esquimós tinham uma cultura própria que lhes permitiu sobreviver sob as mais extremas condições. O aspecto típico da cultura era o aspecto ártico, o qual foi encontrado entre os esquimós canadenses.

No curto verão, caçavam novamente os leões-marinhos, mas usavam canoas e viviam em tendas. Neste tempo, também, encontravam peixes nos rios; o caribu era caçado para fornecer carne e suas peles davam casacos para serem usados em agosto. Nada produzido pela civilização é mais quente, leve e confortável para o inverno do Ártico do que as roupas de peles dos esquimós.

O aspecto típico da vida esquimó do Ártico foi necessariamente modificado onde as condições não eram tipicamente árticas. Os esquimós que viviam perto de Thule, mais setentrional na Groenlândia, tinham um verão muito curto e, assim, o tempo mais quente tinha pouca importância. De fato, o arco e a flecha foram esquecidos e eram desconhecidos por estes esquimós quando foram descobertos por John Ross, em 1818. Eles receberam uma leva de esquimós imigrantes da Ilha de Baffin no princípio dos anos 60. Entre os esquimós do sul, por outro lado, o inverno era uma fase menos importante. Na cultura subártica da Groenlândia Meridional, no Sudoeste do Alaska e nas Aleutas, havia pouca caça no gelo, mas a caça com arpões, arcos e flechas era muito mais desenvolvida.

Embora a maioria dos esquimós vivesse ao longo dos oceanos, caçando animais marinhos, havia três áreas onde eles desenvolveram uma

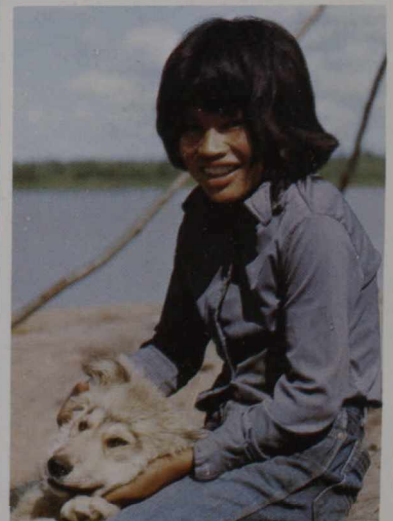
cultura do interior. Nos deltas do Yukon e do Kuskokwim, nos Rios Colville e Noatak, do Norte do Alaska, e nas terras da Baía de Hudson, o povo destas áreas também dependia de certa maneira do mar, exceto o da Baía de Hudson, que tinha nos produtos dos caribus seu sustento principal, além dos peixes dos rios.

Grupos tribais

Para conveniência dos antropólogos e outros estudiosos, os esquimós são divididos em um certo número de grupos, com base na própria divisão tribal dos esquimós. As diferenças entre as tribos de cada grupo são poucas, mas entre os grupos podem ser bastante delimitadas.

Arqueologia

Uma das curiosidades que cercam a vida dos esquimós diz respeito à sua procedência. Esta questão pode ser facilmente elucidada pelo seu tipo físico, que mostra traços asiáticos; de fato, não existe outro lugar de onde eles possam ter vindo que não seja alguma região da Ásia. Uma segunda questão, que tem como base esta explicação, é como eles se tornaram esquimós; em outras palavras, onde eles aprenderam a caçar leões-marinhos e a criar uma cultura toda especial que lhes permitiu espalhá-la por toda a América do Norte e Groenlândia. Existem duas correntes de pensamento que tentam dar uma explicação para esta questão. Uma diz que eles vieram do interior da América do Norte através dos rios até a costa ártica ou até a Baía de Hudson e lá tornaram-se esquimós — isto é, os esquimós foram uma invenção canadense. Outra acredita que foi em torno do Estreito de Be-





ring e, provavelmente, no lado asiático que a cultura esquimó evoluiu. Existe uma grande controvérsia, mas a evidência parece ser muito mais a favor da teoria do Estreito de Bering do que da primeira corrente.

Na grande maioria do Ártico canadense, quatro principais culturas esquimós foram separadas, sendo a última a do povo moderno, os esquimós que lá vivem hoje em dia. Oitocentos ou novecentos anos atrás o povo, chamado pelos arqueólogos de *Thule*, pois sua identificação se deu através de escavações na área de Thule, na Groenlândia, espalhou-se do Alaska pelo norte canadense e depois para a Groenlândia. Vivia exclusivamente dos animais marinhos e construía casas de pedras. Há alguns anos era considerado um povo diferente dos atuais esquimós, mas atualmente o conceito que se tem é outro, ou seja, de que os esquimós canadenses são descendentes diretos do povo de Thule.

Há aproximadamente 1.000 anos, o povo de Thule parece ter substituído outro povo chamado *Dorset*, porque sua cultura foi inicialmente identificada por exemplares recolhidos em Cape Dorset. Traços da presença do povo de Dorset foram encontrados espalhados por todo o Canadá ártico. Seguramente este povo era completamente diferente do povo de Thule, mas pouco se sabe sobre eles e, em particular, não se sabe ainda se sua cultura evoluiu no Canadá ou se eles eram imigrantes na área. Testes com radiocarbono indicam que a civilização dos Dorset se iniciou há uns 2.500 anos. Grande número de lendas esquimós faz menção a um povo estranho chamado de *Tunit* que foi gradualmente desalojado pelos atuais esquimós. E este foi, provavelmente, o povo de Dorset.

História

Quando os vikings descobriram a Groenlândia, no século X, eles não viram um só esquimó, mas acharam sinais da presença de uma civilização anterior. O primeiro contato entre europeus e esquimós

se deu, provavelmente, nos primeiros anos do século XI, quando os vikings estiveram em Labrador e na Ilha de Baffin. Eles guerrearam nestes locais com uma raça a qual chamaram de *skraelings* e que parece ter sido a dos esquimós. A mais próxima notícia que se tem dos esquimós data do século XIV, quando eles imigraram para o sul, na costa da Groenlândia, e lá encontraram colonos europeus. Algum tempo depois o contato entre a Europa e a Groenlândia foi quebrado. Quando reiniciaram a colonização, no final do século XVI, os esquimós já haviam tomado conta da Groenlândia. Certos mistérios envolvem o desaparecimento dos colonos: morreram, foram mortos por esquimós ou piratas, agruparam-se aos esquimós ou, então, retornaram à Europa. Poucas ruínas foram deixadas pelos colonos, que chegaram a ter uma população de 9.000 pessoas, 16 igrejas, um bispado, um monastério e um convento.

O primeiro contato com os esquimós no norte canadense foi feito quando Frobisher descobriu o Canadá ártico, em 1576. Ele encontrou alguns esquimós durante as três viagens que fez, mas seu relacionamento com eles não foi dos melhores. Aprisionaram-no e pegaram alguns de seus homens. Assim, cada lado desenvolveu um sentimento de revolta contra o outro. A Frobisher seguiram-se outros exploradores, muitos dos quais deixaram escrita a dimensão das terras ocupadas pelos esquimós ao final do século XVIII. Mas foi a segunda expedição de Parry — 1821/1823 — que levantou o interesse popular pelos esquimós. Ele passou dois invernos em Foxe Basin, bem no meio do mundo esquimó, e assim pôde contar e escrever sobre a maneira de viver daquele povo.

A influência mais importante na vida dos esquimós durante o século XIX foi dos baleeiros. Havia dois tipos de caçadores de baleias: os escoceses, que normalmente vinham uma vez ao ano e que trabalhavam na Baía de Baffin, e os americanos, que se ocupavam da Baía de Hudson e que não voltavam para casa até que seus navios estivessem cheios de óleo e barbatanas, o que poderia durar até três anos. Os baleeiros, particularmente os que iam para a Baía de Hudson, conviviam com os esquimós usando-os como parte da tripulação de seus barcos. Os esquimós devem ter sofrido com este contato, principalmente pelas doenças que foram le-

vadas até eles, mas também aprenderam muita coisa útil. Ao mesmo tempo esses baleeiros arrasaram os animais marinhos e a indústria baleeira começou o seu declínio no início deste século, sendo posteriormente trocada pelo comércio de peles.

A vida dos esquimós sofreu uma radical mudança: sempre caçaram o estritamente necessário à subsistência. Depois de conhecerem o branco, porém, passaram a caçar de armadilha, principalmente raposas, para trocar suas peles pelos produtos oferecidos pelos civilizados. Esta mudança, entretanto, não teve efeitos radicais em seus costumes e na sua organização social. Foi apenas a partir da II Guerra Mundial que a força da civilização começou a ser sentida.

Muitas mudanças ocorreram no norte do país nestes últimos anos. Atividades de segurança nacional, tais como estações de radar e campos de pouso, foram seguidas por exploração de minério. Escolas, hospitais e casas de madeira foram introduzidas em suas vidas. Os es-



quimós foram levados a se mudar de suas tendas e dos seus campos de caça para novas comunidades que surgiam. Essas rápidas transformações causaram sérias deformações em seu modo social, econômico e intelectual, levados a conviver em situações diferentes de seus padrões. O tempo de uma nova adaptação é difícil, mas como souberam sobreviver no Ártico também conseguirão sair das novas pressões que sofrem atualmente. E uma nova cultura esquimó evoluirá desta nova vida, imposta por condições que a razão deles desconhece.

Como é constituído o governo do Canadá? Para os menos informados sobre o sistema de governo canadense, esta pergunta é o ponto de partida para conhecer um pouco da história do país.

Por ter sido parte do Império Britânico, o Canadá se mantém até hoje intimamente ligado por laços afetivos, linguísticos e históricos à Inglaterra. A constituição do seu

mesmo. Composto do Executivo, Legislativo e Judiciário,* o sistema de governo canadense tem no Primeiro-Ministro seu personagem principal. Membro do poder executivo, juntamente com seu Gabinete e o Governador-Geral, o Primeiro-Ministro chega a este posto após ter sido eleito para a Câmara dos Comuns (legislativo), ser líder do partido majoritário e, então, no-

do Poder Legislativo — Câmara dos Comuns.

Para aprovação de um projeto de lei, o Gabinete deve apresentá-lo às duas Câmaras: dos Comuns e o Senado. No entanto, a Câmara dos Comuns é a parte importante do ramo legislativo do governo. Formada por 264 membros eleitos, a Câmara dos Comuns aprova toda a legislação antes de ser decretada e através de seus debates informa o povo sobre as vantagens e desvantagens de cada proposta governamental.

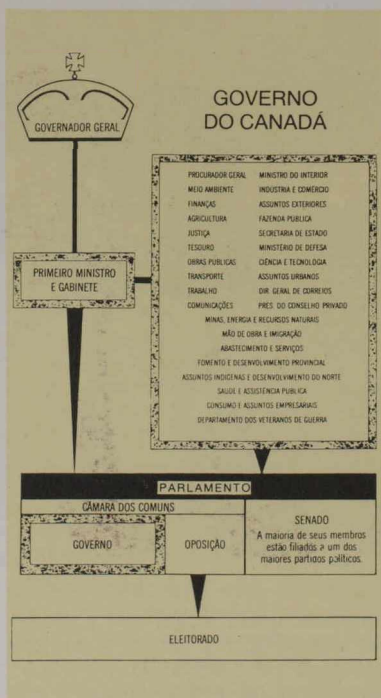
O Senado, segunda Câmara do Parlamento, é constituído de senadores que são nomeados pelo Primeiro-Ministro. Embora o Senado tenha iniciativas importantes em projetos de lei e leve a cabo investigações públicas, as leis em sua quase totalidade se originam na Câmara dos Comuns. Os senadores são, normalmente, homens que se destacam em áreas distintas da vida do país, ou seja, administradores, advogados, empresários etc. Nos últimos anos, e por repetidas vezes, se tem proposto a abolição do Senado, no entanto tal proposta não tem encontrado ressonância na opinião pública.

Importância e divergências à parte, num ponto Comuns e Senado se igualam: a obediência às diretrizes de seus partidos. No Parlamento cada um vota de acordo com a sua consagração partidária. O sistema parlamentarista sugere uma forte unidade dentro de cada partido. Desta forma, raramente um membro da Câmara dos Comuns não segue as orientações partidárias.

Atualmente são quatro os principais partidos políticos no Canadá: Liberal, Conservador, Novo Partido Democrata e Crédito Social. Liberal e Conservador existem desde a Confederação e somente eles têm estado no poder em Ottawa e dominado a história política das províncias. Na década de 30 surgiu o Crédito Social em Alberta e em 1961 o Novo Partido Democrata, que surgiu a partir do CCF (Cooperative Commonwealth Federation), fundado em 1932/33.

O terceiro componente do sistema governamental canadense é o Judiciário. No Canadá todos os juizes são indicados e a corte maior do país é o Supremo Tribunal, que conta com nove juizes que se reúnem em Ottawa. Todos os juizes das comarcas e tribunais provinciais são nomeados e subvenciona-

O sistema de governo no Canadá



Governo do Canadá, página 46 de Canadá Passado e Presente — John Saywell

meado por toda a bancada da Câmara. Este é o caminho percorrido para se chegar a mandatário da Nação.

O Governador-Geral, também membro do poder executivo, simboliza a presença da rainha na vida da Nação. O governador, nomeado pela rainha, deve ser um cidadão canadense nato e tem poderes limitados, ou seja, toma parte apenas em alguns eventos, tais como lançamentos de pedras fundamentais, revista da guarda de honra, abertura e encerramento do parlamento etc.

Cabe ao Primeiro-Ministro e escolha de membros de seu partido que ocupem cadeira na Câmara e pelo menos um senador que esteja atuando como líder do governo, para formarem o Gabinete. Serão estes os responsáveis pelos diversos ministérios que dirigem os departamentos do governo, tais como Defesa, Agricultura, Trabalho, Saúde, Finanças, Relações Exteriores, Transportes etc. Normalmente o Gabinete é composto por representantes das mais diversas regiões do país, assim como representantes dos grupos linguísticos que integram o país: inglês/francês.

O Poder Executivo e o Legislativo no Canadá não apresentam grande diferença. Isso decorre do fato de que quase todo o Gabinete do Primeiro-Ministro, com raras exceções, é formado por membros

governo, portanto, não poderia deixar de ter uma marca britânica. Desta forma, quando em 1867 o Canadá se consolidava como Nação e formava seu primeiro governo, o sistema adotado era o *parlamentarismo*, semelhante em muitos aspectos ao do Reino Unido. E desde Sir John A. Macdonald a Pierre E. Trudeau, o sistema é o

dos pelo governo federal. Os juizes do Supremo Tribunal só podem ser destituídos por voto das duas câmaras e os das comarcas e distritos somente por decisão da corte superior.

O sistema de governo canadense é baseado num sistema federalista. Isto significa que o direito de promulgar leis é dividido entre o governo federal em Ottawa e os governantes das dez províncias. O governo federal tem plenos poderes para a regulamentação do comércio, impostos, sistema bancário, navegação, pesca, defesa etc. Areas como educação, pro-

priedade, direitos civis, instituições municipais etc. são de competência das províncias.

Ao governo central são assegurados maiores poderes, muito embora ao longo dos anos uma série de decisões judiciais tenha alterado substancialmente a constituição em favor das províncias. Desta forma, o poder central ficou limitado e as províncias se tornaram mais poderosas e importantes no contexto federal. No entanto, esta mudança não foi de todo benéfica para as províncias. Com baixos impostos provinciais e reajustes abaixo dos gastos, as províncias se viram obrigadas a recorrer ao go-

verno em busca de auxílio para cumprirem seus programas de obras. Portanto, se de um lado ganharam peso nas decisões, por outro viram-se empobrecidas e obrigadas a recorrer ao governo central e a ele se condicionar. Mas as autoridades governamentais não estão alheia aos problemas econômicos por que passam as províncias. Esta questão vem sendo cuidadosamente estudada e debatida por ministros e altos funcionários do governo, juntamente com representantes dos comitês federais e provinciais, no sentido de encontrar uma solução para os problemas canadenses.

* Leia quadro na página 12

A expansão da indústria de computação no Canadá

A indústria de computação é responsável por uma considerável fatia da economia canadense. Com um largo crescimento nos últimos anos, a receita canadense procedente da indústria de processamento de dados em 1980 ficou em torno de \$ 3 bilhões, apresentando um superávit de, aproximadamente, 20% sobre os anos anteriores.

Dois subsetores dessa indústria foram responsáveis por este significativo aumento da receita: as vendas e aluguéis de equipamentos e os serviços especializados. Centenas de empresas estão operando no ramo de vendas e aluguéis de equipamento de computadores. O produto comercializado vai de microcomputadores, unidades centrais e periféricas a software operacional. Estas empresas também trabalham com o sistema de aluguel de computadores de médio e grande portes.

O setor de serviços, com uma alta margem de rendimentos nos últimos anos, é uma atividade recente e vem sendo desenvolvida com muito sucesso por empresas canadenses. Neste setor são oferecidos os mais variados serviços: projetos de sistemas, processamento de dados em bureaux de serviços, assessoria e packages de software para clientes etc.

O setor de serviços é dominado, basicamente, por empresas cem por cento canadenses, e proporcionou emprego a mais de 20.000 pessoas, segundo estatística relativa aos serviços de computação do ano de 1980.

No setor de equipamentos, prevalecem as subsidiárias americanas de multinacionais na indústria canadense de hardware. Em 1980, cerca de 90% da produção nacional foram exportadas e o Canadá ficou como o oitavo maior exportador de equipamentos de computação do mundo.

O crescimento da exportação de equipamentos produzidos no país deve-se, em parte, ao incentivo do governo às fábricas canadenses de empresas

multinacionais que se asseguraram com mandatos mundiais para o produto ou linha de produtos particular. Outro fator que também contribuiu para o crescimento foi o alto grau de racionalização que se verificou na produção de hardware pelas subsidiárias estrangeiras localizadas no Canadá.

Aprimoramento tecnológico — Embora empresas multinacionais dominem na indústria de computação do Canadá, há um crescimento considerável de empresas nacionais que estão atuando neste setor da indústria. Estas empresas se especializaram, principalmente, na produção de equipamentos para terminais e sistemas comerciais de pequeno porte. Esta setorização da indústria é uma forma de não competir com as multinacionais na produção de computadores de uso geral.

A indústria canadense não se tem descuidado do aspecto inovador da sua produção. Para isso, técnicos e especialistas desenvolvem projetos e testam modelos (leia quadro) para futuro lançamento e alguns já em pleno funcionamento.

O aprimoramento tecnológico da indústria de computação canadense é um fator determinante para o sucesso obtido com os produtos lançados no mercado internacional. Outro fator que também contribuiu para o maciço investimento no apuro tecnológico de computadores é o concorrido mercado internacional. Quem tem produtos de qualidade e tecnicamente inovadores tem mercado garantido. Este, portanto, tem sido o procedimento da indústria de computação do Canadá: qualidade e inovação.

Projetos desenvolvidos pela indústria de computação do Canadá

Equipamentos — Sistema de entrada de dados, empregando múltiplas técnicas de teclados para disco, com características integradas para transferência de dados. São atualmente vendidos em mais de 30 países e o Canadá é pioneiro nesta tecnologia.

— Fabricação de sistema de processamento de palavras. Reconhecido internacionalmente e com produtos vendidos em mais de 80 países.

— Terminais inteligentes. Alguns destes terminais são particularmente adequados para gráficos e outros são orientados para aprendizagem por computador e coleta de dados industriais.

— Produtos para transferência de dados para ligar computadores a redes de dados, incluindo a ligação de pacotes.

Serviços — Sistemas de computador *on-line* orientados para o cliente, para bancos, hospitais, corretores de bolsa, aplicações em cartografia e vendas a varejo.

— Packages de software para administração de bancos de dados, recuperação de arquivos etc.

— Microprocessadores de mesa para aplicações em gerência financeira em pequenas empresas.

A música popular canadense

No seu caminho calmo e sereno, o Canadá deu uma grande contribuição para a música popular das Américas. Embora não façam parte da relação dos mais badalados, diversos artistas canadenses estão por aí cantando e tocando para o mundo. As canções de amor de Anne Murray ecoam pelos quatro cantos do planeta, como também as baladas de Gordon Lightfoot. O estilo pianístico de Oscar Peterson teve diversos seguidores, como também as melodias de Joni Mitchell.

Os canadenses nunca foram espalhafatosos. Nunca houve uma "invasão canadense", um tempo em que cantores e letristas dominam o *hit parade* e chamam atenção dos críticos de música. O Canadá não produziu um sucesso da noite para o dia. A história da música popular do Canadá inglês é a evolução, vagarosa e firme, entre um grande número de "escolas" que criaram as raízes da música do país.

As primeiras estrelas da música popular apareceram com o advento do rádio e os discos se espalharam pelo país nos anos 20 e 30, unindo lentamente a população espalhada pelo país.

Os diversos estilos da época refletem as tradições trazidas da Inglaterra e da Europa, de um lado, e, de outro, novas formas que se desenvolviam na América: orquestras, *vaudeville* e *country*.

Das novas modalidades, a *country music* parece ser a mais confortável para os canadenses de língua inglesa. Canções simples, celebrando os valores tradicionais, tiveram suas raízes nos velhos hinos protestantes. Cancioneiros populares, como Wilf Carter, tiraram o jeito da música americana e deram-lhe um colorido canadense. Seu maior rival, Hank Snow, baseou seu trabalho nas canções das estradas de ferro. O que poderia se encaixar mais num país que deve sua existência aos trilhos de uma estrada de ferro?

Influência americana — Tudo vinha dos Estados Unidos e qualquer artista que quisesse trilhar o caminho da fama deveria atravessar a fronteira. A II Guerra Mundial serviu para intensificar esta situação. As músicas, as danças, as piadas e as estrelas divertiam o mundo a partir de New York e Hollywood. Os adolescentes canadenses se encantavam por Frank Sinatra e Bing Crosby. Neste tempo Johnny Mercer era um dos maiores sucessos na música canadense junto com os astros do rádio: Jack Benny e Bob Hope. O

programa de *hit parade* mais popular — "Your Hit Parade" —, estrelado por Dorothy Collins e Johnny Desmond, virou "Canadian Hit Parade", apresentado por Joyce Hahn e Wally Koster.

Entretanto os cantores canadenses conseguiram trazer novas vozes, embora cantores como Joliette, Tommy Ambrose e Tommy Common cantassem música americana. O mais importante, porém, é que eles fizeram sucesso sem terem deixado o país. Robert Goulet, astro da televisão canadenses dos anos 50, resolveu fazer carreira nos Estados Unidos e foi um grande sucesso onde muitos outros falharam. Outros canadenses, como Oscar Peterson e Maynard Ferguson, conquistaram os EUA e, depois, o mundo.

Rock'n roll e folk songs — Nos anos 60 o mundo foi invadido pelo *rock'n roll*. O Canadá não ficou imune. De costa a costa do país cada escola tinha sua banda de *rock*. A música popular deixou de ser algo vindo de New York ou Los Angeles para ser feito em garagens e porões por todo o país. O impacto do *rock* não estava apenas na maneira com que concentrava energias, mas na grande quantidade de novos músicos que surgiram. Isto mudou a face da música popular canadense.

Outras vozes começaram a se levantar em outro tipo de música — *Folk Songs*: menos primitivas, menos emocionais, mais satisfatórias intelectualmente. Milhares de jovens canadenses começaram a pegar suas guitarras, banjos e harmônicas para tocar e cantar músicas de protesto. Jovens cantores, como Joni Mitchell, Gordon Lightfoot e Ian & Sylvia, começaram a cantar pelos cafés espalhados no país.

Pelo meio dos anos 60, as mudanças se processam rapidamente. Os conjuntos que se formaram nas escolas começaram a fazer carreira. Os artistas que iniciaram suas carreiras como cópias de outros, começaram a produzir seu próprio estilo. Logo surgiram outros canadenses que iniciaram a escrever e a cantar de uma maneira distinta dos outros: Bruce Cockburn, David Wiffen e Neil Young. Enquanto is-

so, as bandas de *rock* foram se juntar a Bob Dylan e a Janis Joplin, dando-lhes o suporte musical que necessitavam. Clayton Thomas, que logo juntou-se ao grupo Blood, Sweat and Tears, tocava *blues* com sua banda, The Shays. Começou a surgir o *rock'n roll* sério da música tocada nos bares de Toronto.

Novos rumos — Mas havia outros estilos. Em Vancouver, espiritualmente mais próxima da costa Oeste americana do que o Canadá central, os grupos começaram a experimentar novos sons e símbolos indígenas. Em Winnipeg havia outras tantas coisas acontecendo. Cantores populares surgiam: Len Cariou, Diane Stapley e Judy Lan-



Anne Murray
Frank Mills



der. Do lado Atlântico, velhos artistas da *country music* reapareciam na televisão, mas um grande número de artistas jovens acabou fazendo muito sucesso. Um exemplo de grande sucesso foi Catherine McKinnow com a música "Farewell to Nova Scotia", que acabou se tornando uma espécie de hino nacional. Anne Murray soltava suas asas nas redes de televisão e cantava músicas de Gene MacLeellan que foram sucesso em todo o país.

Em Montreal, onde as duas culturas oficiais do Canadá se encontram, um fenômeno surgia: os cantores populares bilingües. Não eram tantos assim, mas eles se destacavam na comunidade.

A *country music* floresceu também, construída nas tradições populares de Hank Snow, Wilf Carter e seus contemporâneos, tradições estas que mantiveram os cantores deste tipo de música mais perto de seu público do que qualquer outra corrente musical. A própria *country music* cavou seu lugar no rádio e dominou os *shows* de variedades nas redes de televisão nos anos 70. Tommy Hunter, Ronnie Prophet, Mirna Lorrie e outros se tornaram familiares da população pela grande audiência que obtinham. Todo este mosaico serviu para enriquecer a música popular canadense. A *country music* se misturou com o *folk*, que, por conseguinte, apanhou alguma coisa do *rock*, que se mixou com o *jazz*. Novos talentos estão formando novas músicas. Rough Trade produz uma música mais sofisticada chamada *urban music*. Para quem acha tudo isso muito confuso, tem artistas como Frank Mills e Hagood Hardy com seus pianos e cordas que já ganharam prêmios e um vasto número de fãs.

A música popular canadense tem em comum um senso de proporção. A imensidão territorial do país dificulta a audiência dos artistas que se vêem obrigados a trabalhar com afinco para atingir o maior número possível de regiões. Além do fator geográfico, existe a barreira lingüística como mais um obstáculo ao artista. Mas em que pesem os fatores contrários, a música popular canadense é forte, densa e tende a ser fundamentalista, levando às bases e jogando fora a barulhada e o melodrama. A música tem as feições do país: não atrai muito a atenção mundial, mas desenvolve um trabalho sério e consistente, sem preocupações imediatas, mas que, certamente, permanecerá.



Carlos José recebe o seu diploma das mãos do Embaixador do Canadá, Ronald MacLean.

CONHEÇA O CANADÁ ATRAVÉS DA CNEC

Colaboração: **Silvia Reis**

Ass. Imprensa — Embaixada do Canadá

Sob a denominação acima, a Embaixada do Canadá e a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade lançaram concurso, na cidade de Fortaleza, Ceará, em 14 de setembro p. p. no sentido de promover entre os estudantes da CNEC um maior aprendizado dos fatos e dados canadenses.

O lançamento do programa em Fortaleza contou com a presença do Embaixador do Canadá Ronald MacLean e Senhora, Vice-Cônsul D. Bickford, Superintendente e Coordenadores da CNEC em uma grande festa no Centro Educacional Júlia Jorge, com a apresentação de diversos números folclóricos preparados pelos próprios alunos e professores da rede escolar da CNEC na região.

Centenas de trabalhos foram apresentados para avaliação pela comissão julgadora, que se decidiu por 14 finalistas, cujos trabalhos foram encaminhados à Embaixada do Canadá em Brasília, para a classificação final. Todos os 14 finalistas receberam um diploma especial por sua participação no concurso.

A escolha do finalista entre tão excelentes trabalhos não foi uma tarefa fácil! Saiu-se vitorioso o estudante Carlos José Araújo Pereira, um simpático jovem de 16 anos, aluno do Centro Educacional Júlia Jorge, na 1ª série do 2º grau. Carlos José abordou todos os aspectos físicos, humanos e econômicos do Canadá, ilustrando o trabalho com interessantes mapas sobre estes aspectos.

O candidato vitorioso recebeu de prêmio uma viagem a Brasília, junto com o professor orientador do trabalho, e foi recebido pelo Sr. Embaixador Ronald MacLean para almoço em sua residência em 19 de novembro de 1982, para onde foram convidados também autoridades da área educacional de Brasília, a direção da CNEC e membros da Embaixada do Canadá, tendo a Embaixada recebido telegrama de cumprimentos da Exma. Sra. Ministra da Educação Esther Ferraz, que se fez representar na ocasião pelo Prof. Antonio de Albuquerque Souza Filho, Se-

cretário de Ensino de 1º e 2º Graus do MEC. O estudante visitou as dependências da Embaixada do Canadá em Brasília, tendo aproveitado sua viagem para também visitar pontos turísticos da Capital Federal.

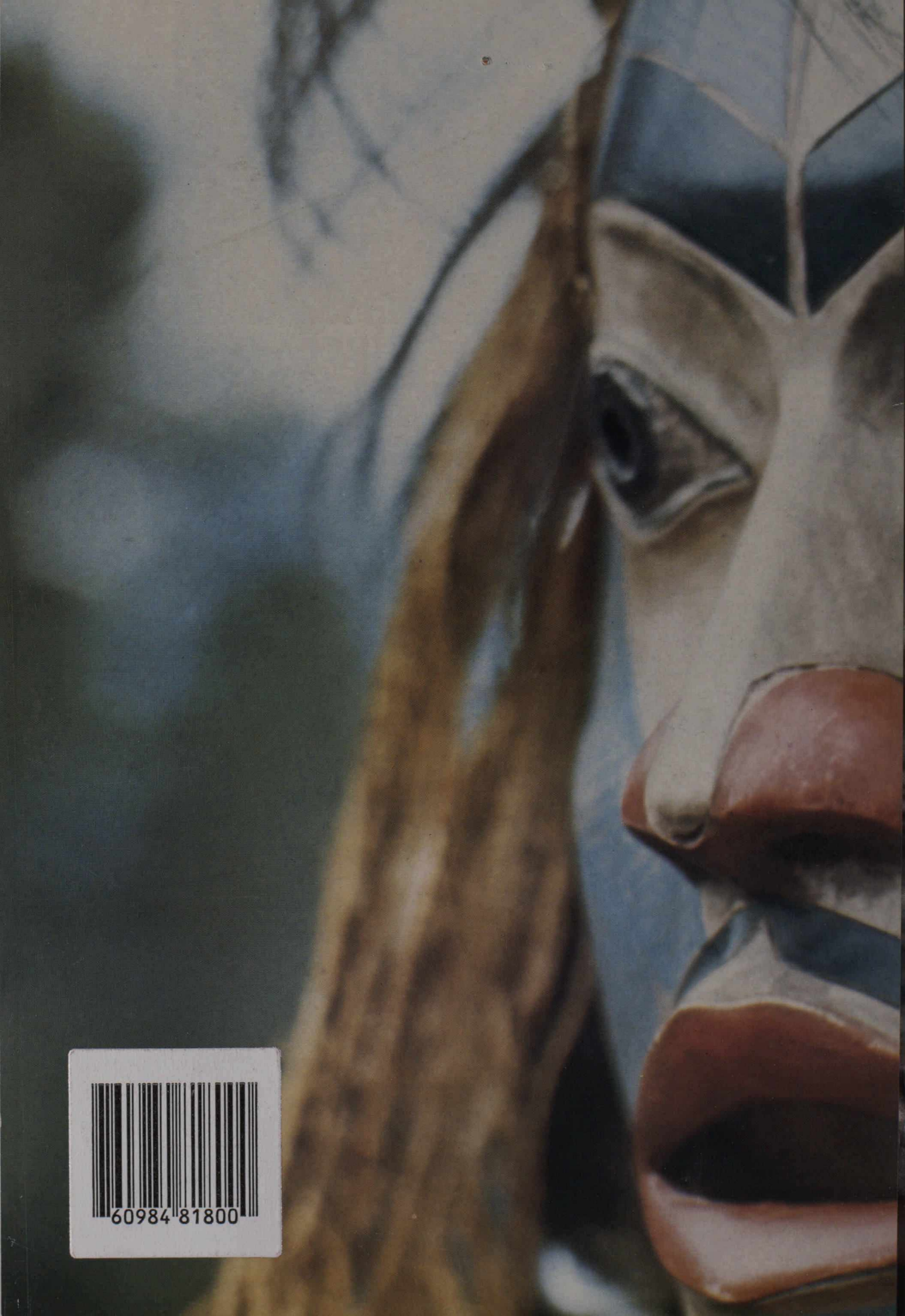
O Embaixador do Canadá discursou após o almoço em homenagem ao estudante e destacou:

"No contexto geral de nosso relacionamento bilateral temos presenciado, neste ano, diversos eventos importantes, sendo que o mais importante destes foi a visita do Presidente Figueiredo ao Canadá. Durante a visita foram tratados diversos assuntos: políticos, econômicos e culturais, incluindo, como o Carlos José bem frisou em seu trabalho, o diálogo Norte/Sul. Estamos tentando, na Embaixada, melhor evidenciar este relacionamento próximo e em base pessoal com os brasileiros, e acreditamos que nosso programa cultural é essencial para este processo. A educação é ponto prioritário para o incremento deste mútuo relacionamento, e onde melhor começar este processo senão com os jovens — futuros líderes deste grande país."

Este concurso, realizado pela primeira vez, promete repetir-se mais vezes em outros estados brasileiros, tendo em vista, principalmente, o grande sucesso inicial.



Da esq. para a dir. — Embaixador do Canadá, Ronald MacLean, Superintendente da CNEC, Felipe Gomes, e Embaixatriz do Canadá, Beverly MacLean



60984 81800